

MILANEZ — O NOVO PRESIDENTE

DR. HILÁRIO A "O BISTURI"

"EM DEFINITIVO AQUI, SÔMENTE EM MARÇO E DENTRO DA RELATIVIDADE DO FUTURO"



O mais novo catedrático da Faculdade esclarece seus pontos de vista — Docente em 1951 — Um curso equiparado até o ano passado — Serviço de Radiologia — um dos melhores no Brasil — Não se pode ensinar teoricamente o que não é possível demonstrar praticamente — Em março do ano próximo, a fixação definitiva no Sul — Cirurgia Experimental e ambiente cirúrgico — as condições fundamentais exigidas — Reportagem de Roberto Benevett e Gerson Dalcanale na página três.

RETROSPECTO DE UMA GESTÃO

GESTÃO JOAQUIM-GERSON: UM ANO DE REALIZAÇÕES



A cada nova Diretoria renascem as esperanças de dias melhores para o Centro Acadêmico Sarmiento Leite. Neste instante já outros são os responsáveis pelos destinos de nosso Centro. As atenções estão voltadas, e é justo, para eles. Mas este número representa o último esforço da Gestão finda. Enquanto aguardamos o que será feito neste próximo período, vejamos o que foi feito neste últimos 365 dias. Ao assumir, apresentou a gestão Kliemann-Dalcanale, um programa mínimo de 15 itens que passamos a analisar:

1. Transferência da Administração para a nova sala.

Considerado de vital importância, este ponto foi atacado logo de saída e em pouco tempo já estava a nova sala mobiliada e em funcionamento. Foi in-

vertida aí a soma de Cr\$ 70.000,00, incluindo a aquisição de uma nova máquina de escrever.

2. Estudo da Reforma do Bar

Reclamada há muito tempo, só há poucos dias veio a concluir-se. Total remodelação sofreu a sede social do C.A.L.S., tomando aspecto completamente novo e moderno. Esta obra consumiu grande parte das atenções da Diretoria e teve um custo aproximado de Cr\$ 430.000,00, sem incluir as obras executadas diretamente pela Reitoria.

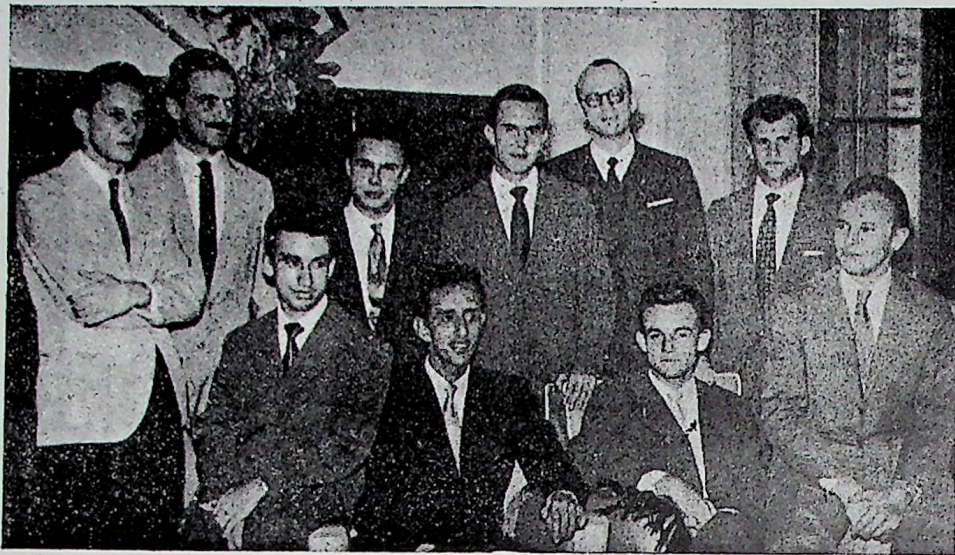
3. Aumento da Discoteca

Foram adquiridos todos os discos L. P. em evidência, em número aproximado de 30, quase duplicando a discoteca.

(Cont. na pag. do centro)

"O BISTURI" foi um dos pontos culminantes da gestão Joaquim-Gerson. Este é o sétimo e último número. No clichê ao lado os seis números anteriores.

DIRETORIA DO C.A.S.L. — GESTÃO 58-59



No clichê acima os acadêmicos que dirigiram o C. A. S. L. no período 1958-59. Em pé, da esquerda para a direita: José Carlos Vasques (Sec. de Relações e Intercâmbio); Paulo Renan Lang (Sec. Social); Irajá Silveira (Sec. de Imprensa); Iremar Couto Mesko (Sec. Cultural e Científico); José Teobaldo Diefenthaler (Sec. de Sindicância e Justiça) e Fernando Monteiro de Freitas (Sec. de Esportes). Sentados: Sergio Segala (Sec. de Beneficência); Joaquim Dahne Kliemann (Presidente); Gerson Dalcanele (Chefe do Secretariado) e João Francisco Xavier Mussnich (Sec. de Finanças). Integrou, ainda, a diretoria o colega Alberto Amon (Sec. de Administração).

Da Secretaria

ÚLTIMAS PALAVRAS

Era ainda "bicho" quando ingressei na imprensa do CASL. Uma desprezenciosa crônica, um pequeno noticiário e um "diploma" de prático em jornalismo nomearam-me secretário de "O Bisturi". Mas o jornal, idealizado em abril, somente circulou em fins de agosto. Uma série de obstáculos impediu o seu primeiro aparecimento em 58. O entusiasmo inicial continuou e "O Bisturi" voltou a aparecer em setembro, completamente remodelado. Diagramação diferente e moderna, número duplicado de páginas, clichês, reportagens, etc.

Eleições. Nova diretoria e fui convidado a ser o diretor do jornal. Demorei a aceitar, pensando as responsabilidades do posto e a grandiosidade da missão. Aceitei e iniciamos a tarefa. Passei do singular para o plural. Uma equipe começou a trabalhar sincreticamente. Recebemos uma colaboração enorme da direção do Centro, dos alunos e professores da Escola.

Em março do corrente ano apareceu o primeiro número e dedicado ao Seminário de Psicologia Médica. Pela primeira vez em sua história "O Bisturi" ultrapassou nossas fronteiras e espalhou-se pela América do Sul. Chilenos, argentinos, uruguaios, peruanos, etc. leram e levaram consigo o nosso jornal. "O Bisturi" espalhou-se também pelo Brasil. Todos os Centros Acadêmicos de Medicina do Brasil receberam o nosso "boletim mensal". Todas Faculdades do Rio Grande do Sul também.

Apareceram seções: Mosaico, Notícias em comprimidos, Seção do Veneno, Página treze, Uma cátedra por mês, Uma enquete por mês, etc.

Abril, maio, junho-julho, agosto, setembro, finalmente outubro e chegamos ao fim. Os recordes foram caindo, "O Bisturi" subindo no conceito dos estudantes de medicina e divulgando por todo o Brasil o nome do Centro Acadêmico Sarmento Leite. Participamos de uma Exposição Brasileira de Jornais Estudantis.

Enfim, fizemos renascer "O Bisturi" e movimentamos nossa Faculdade.

Já ao apagar das luzes, o fruto de mentalidades tacanhas e recalçadas amadureceu. Caluniaram-nos e tentaram destruir o nosso trabalho. Tentaram destruir, inutilmente, algo que por muito tempo não será esquecido.

Exigimos justiça e esta não tardou. Isso, no entanto, não embargou nossos passos. Apenas voltamos a olhar, pois não adianta os cães ladrarem se a caravana já passou...

Irajá Silveira — Secretário de Imprensa

Editorial

MISSÃO CUMPRIDA

Missão cumprida. Após 12 longos meses de lutas e vitórias chegamos ao fim. Por um desses acasos, que acontecem na vida de todos e que por vezes nos enveredam por caminhos nunca imaginados, fomos levados a dirigir os destinos do Centro Acadêmico Sarmento Leite. Emergindo de um passado isento de qualquer atividade político-universitária, repentinamente nos vimos frente ao Executivo do Centro. De quanto o cargo exige só podem avaliar os que já o exerceram ou acompanharam de perto uma gestão Sentimos, neste tempo, quantas vicissitudes podem se antepor aos nossos propósitos, e quantos imprevistos dificultam o alcance de nossos desígnios. Sabíamos que era fácil falar, criticar e dar boas sugestões. Vimos o quanto é difícil executá-las. Sofremos e aprendemos. Aprendemos a conhecer melhor as pessoas. Aprendemos que sem iniciativa própria nada se consegue. Aprendemos que é mais fácil e mais seguro executar do que mandar fazer. Aprendemos a distribuir o tempo e vimos que os mais desocupados nunca dispõem dele. Vimos que com boa vontade e despreendimento muito se pode fazer pelos estudantes. Vimos também, com tristeza que a maioria não se interessa pelo Centro. Notamos a inexistência absoluta de espírito universitário. Vimos muito egoísmo. Vimos muita irresponsabilidade. Vimos muitos interesses particulares se sobreporem aos coletivos. Mas vimos corações sinceros e bem intencionados. Enfim, vimos coisas boas e coisas más. Foi uma experiência humana inestimável. Observamos atentamente e julgamos os que nos rodearam.

Apesar de tudo valeu a pena o sacrifício.

Pela sétima e última vez dirigimos, neste ângulo da segunda página, a palavra aos associados e aos leitores de "O Bisturi". Nas seis edições anteriores criticamos ou elogiamos. Agora, nos despedimos.

Bem ou mal, a missão está cumprida.

O BISTURI

Órgão oficial do Centro Acadêmico Sarmento Leite, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre da Universidade do Rio Grande do Sul

EXPEDIENTE

Redação: Faculdade de Medicina.

Diretor: Irajá Silveira

Redatores: Antonio K. Ayub, Gilberto Gomes, Flávio Saeger, Fernando Sá e Almeida, Joaquim Dahne Kliemann, Gerson Dalcanele, Roberto Benevett e Hermes Viçosa Júnior.

Departamento Comercial: Samuel Constant, José Diniz Varaschin e Armênio Farias.

Telefone: 7740, pedir, 47

O BISTURI não se responsabiliza pelos artigos que trouxerem assinatura.

—oOo—

Composto e impresso na Gráfica da Universidade

"EM DEFINITIVO AQUI, SÔMENTE EM MARÇO E DENTRO DA RELATIVIDADE DO FUTURO"

O mais novo catedrático da Faculdade esclarece seus pontos de vista — Docente em 1951 — Um curso equiparado até o ano passado — Serviço de Radiologia: um dos melhores do Brasil — Não se pode ensinar teoricamente o que não é possível demonstrar praticamente — Em março do ano próximo, a fixação definitiva no Sul — Cirurgia Experimental e ambiente cirúrgico: as condições fundamentais exigidas — Reportagem de Roberto Benevett e Gerson Dalcanele.

Nossa Faculdade viveu dias de intensa movimentação com a realização do Concurso para o preenchimento da II Cadeira de Clínica Cirúrgica. Apresentaram-se três candidatos: Dr. Arthur Mickelberg, Dr. Savino Gasparini Filho e Dr. José Hilário de Oliveira e Silva. Foi vencedor o Dr. Hilário que alcançou a média 9,485.

Professor novo, vida nova. Com a finalidade de informarmos dos planos do novo catedrático, a reportagem de "O Bisturi" manteve demorada palestra com o mesmo. As várias perguntas formuladas, obtivemos respostas simples, traduzindo o que pretende ser a orientação do novo catedrático.

Recebidos no gabinete do Dr. Renan Marsiaj de Oliveira, iniciamos a entrevista, solicitando que o Dr. Hilário contasse-nos algo de sua formação médica e de sua atuação no magistério.

Disse-nos o entrevistado que, nascido em São Paulo, formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em 1944. Com tôdas as conquistas de sua carreira concretizadas através de concursos, iniciou-se no serviço do Dr. Mota Meyer, cirurgião do I.A.P.C. e, mais tarde, em 1947, foi eleito chefe do Serviço de Clínica Cirúrgica do referido Instituto. Aprovado com o 1.º lugar para o IPASE. Docente em 1951, com a tese "Tetralogia de Fallot", obtendo a média 9,7. Em 1955, concorreu à Cátedra de Clínica Cirúrgica da Faculdade Nacional de Medicina, classificando-se em 2.º lugar com a média 9,2. De 55 a 58 vinha ministrando um curso equiparado de Clínica Cirúrgica.

Percorreu diversos estados do Brasil, promovendo cursos, conferências e fazendo demonstrações cirúrgicas. Conheceu os maiores centros médicos do mundo como os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Suécia, Alemanha, Dinamarca, França, Áustria, Itália, Portugal, Polónia, etc. Ministrou, ainda, onze cursos de extensão universitária na F.N.M. Proferiu 210 aulas e conferências a convite

em várias cidades brasileiras e fundou, no Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisas Cirúrgicas.

O CONCURSO

A seguir fizemos referência ao Concurso, declarando-nos o entrevistado que a primeira idéia de concorrer ao mesmo, surgiu durante sua visita à Porto Alegre, em 1956, ocasião em que um grupo de amigos o convidara.

Com o correr do tempo, os convites se foram tornando mais insistentes e acreditando que em Porto Alegre encontraria condições favoráveis ao prosseguimento de seus trabalhos, resolveu se inscrever. Muito satisfeito com o resultado do Concurso, fez ainda elogiosas referências aos demais concorrentes, os quais lhe causaram ótima impressão.

OS PRIMEIROS CONTATOS

Vencido o Concurso, entrou logo em contato com a direção da Escola e com os diversos professores, visitando os locais de ensino da Faculdade e tomando as primeiras providências para assumir o novo cargo. Manteve ainda o Dr. José Hilário uma demorada palestra com os seus novos alunos, ocasião em que foi sabatinado pelos mesmos e revelou as diretrizes com que pretende nortear a Cadeira. Fruto desses primeiros contatos, adiantou-nos, ainda, que na parte diagnóstica praticamente nada resta a fazer, destacando os serviços de Radiologia como dos melhores encontrados no país.

"SOU UM CRENTE E TENHO CONFIANÇA NO PROF. MILANO"

Perguntamos, a seguir, se o nosso entrevistado assumiria efetivamente a cátedra, quando fixaria residência em Porto Alegre e

quais, em traços gerais, os seus planos de trabalho.

Em resposta, disse-nos o Dr. Hilário que era sua intenção exercer efetivamente a Cátedra e radicar-se em Porto Alegre, esperando, para tal, obter as condições indispensáveis de trabalho e pesquisa. Segundo seus planos, até março de 1960 já estará a Cadeira organizada conforme seus desejos e, neste sentido, manifestou-se plenamente confiante na boa vontade da Direção da Escola.

Argumentamos a esta altura que o prazo imaginado, ou seja, até março do ano próximo, e, em realidade, um tanto curto e insuficiente para a conclusão das inovações a serem introduzidas na cadeira.

Em resposta, o Dr. Hilário disse ser um crente da capacidade de trabalho da nossa gente e das nossas possibilidades, exemplificando o seu ponto de vista com o notável surto de progresso que caracteriza a vida atual da Faculdade e da Universidade.

Afirmou ser um homem acostumado às lutas, daqueles que não esperam de braços cruzados pelas modificações pleiteadas.

Aliás, na ocasião da entrevista, afiançou-nos já ter obtido a promessa da realização dos seus planos.

Nesta parte, solicitou a colaboração de todos os estudantes, reforçando suas aspirações através do seu apêlo.

Entre as modificações exigidas para ministrar um ensino que corresponda, O Dr. José Hilário citou a enfermagem de alto padrão, sala cirúrgica adequada, instrumental cirúrgico suficiente e de boa qualidade, etc.

Argumentou o entrevistado que não poderá ensinar teoricamente aquilo que não for possível demonstrar na prática. Para o novo professor é indispensável, também, um regime em que o aluno tenha sob seus cuidados, permanentemente, ao menos um doente. Estas e outras condições deverão ser conseguidas. Sendo tôdas elas justas, acredita que serão satisfeitas na íntegra e muito se empenhará para que o sejam.

A par do ensino, promete o Dr. José Hilário desenvolver a Cirurgia Experimental que julga de capital importância nesse momento em que a Medicina evolui a passos rápidos e a Cirurgia fez-se intensamente dinâmica.

Finalizando sua interessante palestra, concluiu o Dr. Hilário: "Definitivamente estarei aqui em março e dentro da relatividade do futuro. Meus netos gaúchos dependem de vocês".

LIVRARIA EDITORA GUANABARA — KOOGAN S.A.

LIVROS DE MEDICINA — VENDAS A CRÉDITO

Rua dos Andradas, 1727 — Loja 4
Edifício Oswaldo Cruz — Térreo
Caixa Postal, 1.800

End. Telefônico: EDIGUA
Fone: 9-1232
Porto Alegre

(II. Van Loon — O Mundo em que vivemos)

"E assim são as criaturas humanas que vivem neste nosso planeta".

Parece incrível, mas nem por isso deixa de ser menos verdade.

Se cada pessoa neste nosso mundo tivesse 1,75 m de altura, 0,50 m de largura e 0,25 m de espessura, quer dizer, se concedêssemos às criaturas humanas dimensões apenas um pouco maiores do que as que elas habitualmente possuem, nesse caso poderíamos agarrar a humanidade inteira, constituída, segundo as últimas estatísticas disponíveis, por 2 000 000 000 de descendentes do "homo sapiens" e sua excelentíssima esposa, e metê-la numa caixa que não precisava medir mais de 750 m em cada direção. Isto, como foi dito acima, soa de maneira incrível; mas se não me quiser acreditar, faça em pessoa os cálculos e verá que estão certos.

Se depois transportássemos a mencionada caixa para o "gran-cañon" do Arizona e a equilibrássemos com jeito na baixa balaustrada de pedra que impede as pessoas, que ficam a contemplar estupefactas a incrível beleza desse silencioso testemunho das forças da eternidade, de quebrar a nuca; se depois disso chamássemos o pequeno "Noodle", o cãozinho rasteiro de pernas recurvadas e lhe disséssemos para dar com o seu focinho escuro e macio um empurrão na inabarcável figura, coisa que a exígua besta faria com gosto, pois é muito inteligente e gosta de ser gentil, então haveria um momento de estrondos e rugidos, no instante em que as pranchas de madeira arrancassem em sua queda para o abismo, árvores, arbustos e rochas.

Depois um bum-bum-bum abafado e sempre mais suave, seguido de um súbito estalido, quando os ângulos da caixa batessem de encontro às ribanceiras do Colorado.

Depois, silêncio e esquecimento!

As sardinhas humanas metidas em sua caixa mortuária estariam, em breve, caídas no olvido.

A chuva e o vento, o ar e o sol continuariam a passar por sobre o "gran cañon" como sempre o fizeram, desde que ela foi criado.

O mundo continuaria a seguir o seu eterno curso através do céu sem rotas.

Os astrónomos de planetas distantes e vizinhos não teriam notado nada de extraordinário.

Decorrido um século, uma pequena colina, espessamente coberta de vegetação, indicaria, talvez, onde a humanidade jazia sepultada.

E isso teria sido tudo.

Posso imaginar, perfeitamente, que alguns dentre os meus leitores não se agradarão muito desta história, antes se sentirão incomodados quando virem a sua orgulhosa raça reduzida a essas proporções de sublime insignificância...

—::—

Joaquim Maria Machado de Assis que goza hoje o conceito de maior escritor brasileiro e um dos maiores da língua portuguesa em todos os tempos, era filho de um mulato fôrro, pintor de paredes, e de uma ilhoa portuguesa, lavadeira. Além da origem humilde e dos preconceitos de cor, contribuiu para a formação de seu temperamento introvertido uma torturante epilepsia.

—::—

O pleonismo "nunca jamais" — que, por sinal, nem sempre o foi, visto que "jamais" adquiriu por contágio o sentido negativo — é de largo uso literário. Lembre-se que "pleonismo" se define como "figura" e não "vício de linguagem". Serve para dar relêvo à expressão. — Comentarário de Vittorio Bergo.

—::—

O termo "medicina" — notem o m minúsculo — veio incorporar-se à língua portuguesa depois do século XVI, portanto depois de já estar constituída a nossa língua, é pois, um "empréstimo" latino. E' um termo culto que tem como forma popular correspondente "mezinha" medicina — medecina — medezina — meezina — mezza — mezinha.

MOSAICO

Por Aceca

Da equivalência dos ditongos "ou" e "oi" nós temos conhecimento quase que inconsciente, graças a palavras como loura-loira —, coisa-coisa —, tesouro-tesoiro. Palavras há, porém, em que somente é possível o emprêgo de uma das formas: pouco, louco, roubar, oito, etc.

Essa equivalência não foi, até hoje, satisfatoriamente explicada, uma vez que esses ditongos têm origens completamente diversas. O filólogo José Joaquim Nunes tentou explicá-la pela influência dos judeus portugueses do século XVI:

—::—

Quando em março circulou o primeiro número deste jornal sob a responsabilidade da nossa nova Secretaria de Imprensa, surgiu esta secção; não da mesma forma nem com assuntos semelhantes aos de agora, mas a mesma no seu fundo e no seu título. Agora, neste último número, eu quero aqui de dentro do espaço que eu tenho ocupado enviar minhas congratulações, não só ao responsável pela circulação do "O BISTURI", — que conseguiu dinamizá-lo e fazê-lo aparecer sete vezes num mesmo ano, coisa inédita — mas a toda a direção do Centro Acadêmico, que eu sei, deu tudo de si, não poupando sacrifícios, para melhorar em tudo o órgão que a ela foi entregue.

"... parece que a pronúncia "oi" era no século XVI peculiar aos judeus, porquanto Gil Vicente, que distingue "oi" e "ou", isso não obstante, põe "oi" na boca dos que apresenta algumas das suas farsas". — Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, Lisboa, 1930, 2.ª edição, págs. 77-78.

—::—

Da analogia gramatical — "Analogia" é um fenómeno de ordem psicológica, que consiste na tendência para nivelar palavras ou construções que de certo modo se aproximem pela forma ou pelo sentido, levando uma delas a se modelar pela outra.

Quando uma criança diz "fazi" ou "cabeu", conjuga essas formas verbais por outras já conhecidas, como "comi" e "morreu".

Por seu caráter imprevisto, assistemático e irregular, a analogia é uma das mais frequentes causas perturbadoras da normalidade da evolução fonética.

Assim, a forma latina "sto" não poderia ter dado diretamente "estou". Como as demais pessoas do presente do indicativo têm "a" no radical (stas, stat, stamus, stasis, stant), a primeira também passaria a tê-lo, donde "stão", de que saiu o nosso "estou" pela mudança do ditongo "au" (=ao) em "ou". Da mesma forma "sum", que só poderia dar "som" (que realmente existiu na língua arcaica) e, nunca "sou". Essa forma moderna é produto da analogia com "estou", "analogia que não deve repugnar, visto serem vizinhos os significados daqueles dois verbos". (Rodrigo de Sá Nogueira em "Subsídios para o Estudo das Consequências da Analogia em Português, Lisboa, 1937, pág. 120).

—::—

"O BISTURI" ENTREVISTA OS DOUTORANDOS DE 1959

Entrevistando os doutorandos de 59, "O Bisturi" encerrou a série de enquetes com alunos da Escola — Dezenove perguntas fotográficas e prática — Física Médica foi novamente a pior — Prof. Antonio Louzada foi indicado como o melhor professor — Vinte e quatro doutorandos acharam péssimas as condições de aprendizado; Sugestões: Maior orientação prática; mais interesse dos professores; conclusão do Hospital de Clínicas, etc. — Dezoito doutorandos acharam que o CASL corresponde mais ou menos as suas finalidades.

Encerrando a série de enquetes que "O BISTURI" realizou no corrente ano, publicamos no presente número as respostas colhidas na entrevista com os doutorandos. Dezenove perguntas foram formuladas, sobre o curso, sobre a Faculdade, e sobre outros aspectos da vida médica. Foram as seguintes as respostas dadas pelos Médicos de 1959 às perguntas que lhes foram formuladas:

1 — Quais as três melhores cadeiras da Faculdade?

Nota-se, na resposta dada pela maioria, a divergência de opiniões entre os doutorandos de 1959 e os de 1958. No ano passado, a escolha recaiu sobre a cadeira de Terapêutica, e no corrente ano a Anatomia Humana foi a escolhida. As respostas foram as seguintes:

Anatomia Humana	23
Anatomia Patológica	20
Fisiologia	18
Fisiologia	11
Terapêutica	9
Tropicais	9
Urológica	4
Outras com menos votação.	

2 — Quais as três piores cadeiras da Faculdade?

Nesta pergunta, as respostas coincidiram com as colhidas no ano de 1958, pois novamente a Física Médica foi apontada como a pior. Eis os números:

Física Médica	25
Técnica Operatória	17
Higiene	13
Química	11
Patologia Geral	7
IV Clínica Médica	5
Parasitologia	4
Clínica Cirúrgica	4
Outras com menor número de votos.	

3 — Qual a melhor cadeira na parte prática?

Novamente a Anatomia Humana foi escolhida pelo doutorandos, cabendo mais uma vez a segunda colocação à Anatomia Patológica. Foram as seguintes as respostas:

Anatomia Humana	10
Anatomia Patológica	7
Urologia	6
Fisiologia	4
Outras menos votadas.	

4 — Qual a pior cadeira na parte prática?

A maioria dos doutorandos opinou pela cadeira de Terapêutica, ficando a Clínica Cirúrgica em segundo lugar.

Terapêutica	12
Clínica Cirúrgica	8
Física Médica	7
e outras.	

5 — Qual a melhor cadeira da 5.ª série? Duas cadeiras receberam votação considerável nesta pergunta, cabendo a preferência à Clínica de Moléstias Tropicais. O resultado foi o seguinte:

Cl. M. Tropicais	16
Terapêutica	11
III Clínica Médica	3
Med. Legal	3
etc.	

6 — Qual a pior cadeira da 5.ª série?

Uma maioria considerável opinou pela Higiene, sendo que as demais receberam menor votação. Foi o seguinte o resultado:

Higiene	19
IV Clínica Médica	7
Clínica Cirúrgica	5
Outras com menor votação.	

7 — Qual o melhor professor da 5.ª série?

Esmagadora maioria dos entrevistados apontou como melhor professor da 5.ª série o Professor Antônio Louzada, cabendo pequena votação a mais alguns. Os números foram os seguintes:

Prof. Antônio Louzada	21
Prof. Mário Ballvé	6
Dr. Jorge Pereira Lima	3
Prof. Rubem Knijnik	3
etc.	

8 — Se o aluno se limitasse a assistir as aulas e estudar, sairia capacitado da Faculdade?

A opinião dos doutorandos confirmou a dos alunos das demais séries da Faculdade. A grande maioria respondeu negativamente:

Não	32
Mais ou menos	3
Sim	zero

9 — A Faculdade oferece oportunidade para que todos se exercitem praticamente na profissão?

Aqui, um doutorando respondeu afirmativamente. Os demais, em sua grande maioria, responderam negativamente, e alguns deram respostas indefinidas:

Não	26
Mais ou menos	8
Sim	1

10 — Que acha das condições hospitalares para o aprendizado?

Também aqui apenas uma resposta foi benevolente. As demais, ou foram radicalmente contrárias às condições hospitalares atuais, ou foram indefinidas:

Péssimas	24
Regulares	10
Boas	1

11 — Qual a sua sugestão para melhoria do aprendizado?

As respostas foram bastante variadas, salientando-se as seguintes:

Maior orientação prática	12
Mais interesse dos professores	11
Conclusão do Hospital das Clínicas	11
Cursos, estágios, tempo integral, mais interesse dos alunos, etc.	

12 — Que acha da atual socialização da Medicina?

Nenhuma resposta favorável foi dada, embora sete doutorandos não tenham manifestado opinião:

Péssima	25
Regular	3
Em branco	7

13 — Quem é o culpado?

Foi bastante dividida a opinião manifestada pelos entrevistados, que ou atribuíram a culpa à classe médica, ou então atribuíram-na ao Governo, havendo alguns que apontaram os dois como culpados:

Classe Médica	20
Governo	17

14 — Apoiar os concursos de cátedra como legítima demonstração de aptidão para o professorado?

A divergência confirma a contrariedade reinante a respeito do assunto:

Não	17
Sim	12
Mais ou menos	4

15 — No conjunto, nota-se interesse dos professores para que os alunos tirem o máximo proveito?

A maioria das respostas foi negativa, sendo que apenas 17% dos entrevistados responderam afirmativamente à questão formulada:

Não	20
Mais ou menos	7
Sim	6

16 — O Centro Acadêmico corresponde às suas finalidades?

Na enquete com os doutorandos do ano passado uma grande maioria achou que não. Este ano, no entanto, apenas três respostas foram negativas. A enquete apontou:

Mais ou menos	18
Sim	12
Não	3

17 — Por que?

Ao fazermos essa pergunta tínhamos em mente saber o porquê da resposta negativa. Elas foram poucas e sem justificativas. Mas os que responderam afirmativamente mostraram o porquê da resposta. Eis algumas respostas interessantes: Pouco interesse dos alunos. Porque é o resultado do trabalho de poucos, frente ao desinteresse da maioria da classe. Defende os interesses da classe (muito citado).

18 — Que se pode fazer para melhorá-lo?

Respostas interessantes: Apoiá-lo. Que os estudantes se interessem mais. Objetividade em suas atividades. Maior colaboração dos associados. Incentivar o convívio social. A melhora somente é possível depois de despertado o interesse de todos pelo Centro.

Nossa última pergunta foi: As atividades do CASL são satisfatórias?

As respostas foram as seguintes:	
Sim	11
Mais ou menos	13
Não	5

Impressões de Brasília

José Carlos Carpilovsky

Em sua grandiosidade, com ritmo rápido e contínuo. Brasília ultrapassa o sonho ousado de um artista. Aqui, — disse-nos Niemeyer, em outras palavras — realizei-me em tremendas fantasias. E nós, partes de um presente sacrificado, sorrimos ao monumento irreverente, já com a mesma confiança de outros tantos.

O aspecto urbanístico nos encanta. Lúcio Costa deu tudo de si ao Plano Piloto. As asas do avião são cortadas por cinco grandes vias. Uma delas, de tráfego regional, apenas para altas velocidades. Os cruzamentos nunca são no mesmo nível, mas por intermédio de gigantescos trevos. Asas e Eixo Monumental ligam-se pelo Super-Viaduto. Pouco além, enfileiram-se os ministérios, rumo à Praça dos Três Poderes. Lado a lado, a cúpula do Senado e o grande circo da Câmara. Judiciário. Executivo. E' o futuro cérebro da nação, em suas 24 horas de desdobramento celular. Pois o trabalho não para, o candango se reveza em turnos, funde-se em serviço, éle mesmo ciente e orgulhoso da obra que constroi. Desta forma, quadruplica o mísero salário mínimo de Goiás.

O dinheiro, em Brasília, assume um valor diferente. E' como se entrássemos em outra esfera monetária. Ganha-se muito, gasta-se demais. A mão de obra é excessivamente valorizada. Pois recém agora, com a constante chegada de material humano, começa a equilibrar-se a lei da oferta e da procura.

A cidade foi prevista para quinhentos mil habitantes. Assim as distâncias nos parecem fabulosas. O asfalto corta pequenos desertos, de vegetação medíocre. Zonas ainda não asfaltadas cobrem-nos de um pó vermelho, que penetra a própria alma. Sob futuros jardins, enterram-se os serviços básicos de tubulação (rede hidráulica, elétrica, telefônica). Um grande lago, pela represa do Rio Paranoá, circulará a cidade, destacando um pouco os setores de habitação individual.

As super-quadras, 280 x 280 m², agrupam 11 edifícios de 6 anda-

res. Autonomizam-se em conjuntos de vizinhança, com escola, mercado e igreja próprios. Aprisionam-se em jardins. Os apartamentos são cômodos, modernos. Muitos conjuntos, como alguns do IAPC, que visitamos com o Dr. Wagner Neves, já inaugurados.

A imensa colméia está quase pronta. O Brasília Palace Hotel recebe quantidade imensa de turistas. Muitas excursões são alojadas por conta da Novacap, que, gentilmente, ainda fornece condução e guia, para que se percorra e conheça a grande obra. O Palácio da Alvorada, tão comentado, espera seu presidente. Em tudo, capelas, hotel, palácios, nota-se o toque de Niemeyer. O povo, meio surpreso ante sua já esperada e elegante tendência a um super-modernismo, com construções meio subterrâneas, não furtou-se ao prazer de um inocente chiste. Assim, referem-se à tal ou qual toca do tatu maluco...

Brasília não é só o Plano Piloto. Alguns kms., ao lado, a cidade livre, ou núcleo bandeirante. Verdadeiro faroeste. Ruas largas, de terra vermelha, de muito pó, ladeadas por casas comerciais, bares, restaurantes, tudo de madeira, no velho estilo de filmes de mocinho. Em pouco espaço, um imenso agrupamento dos mais variados tipos étnicos possíveis.

O próprio clima, com tudo na região, é exagerado. Calor enorme de dia, noite bastante fresca. Chuvas apenas no verão, mas torrenciais.

O Brasil central apresenta um surto de progresso, pela nova cidade. Estarão sendo abertos novos horizontes? Ou estaremos deslocando nosso homem do campo para mais um centro urbano, de vida fácil? Nossa geração estará sendo sacrificada? Ou as verbas especiais, no conjunto da moeda circulante, pouco representam?

E mais, se sacrifício existe, valerá a pena? São tantas perguntas, que só o futuro responderá. A obra é gigantesca. Que nossos filhos a julguem.

Um novo e sensacional antibiótico
ativo contra os mais recalcitrantes
microorganismos, comumente
responsáveis por infecções graves.

Resultados extraordinários,
comprovados por grande número
de investigadores,
inclusive contra os
estafilococos resistentes.

APRESENTAÇÕES:

KANTREX DE 0,50

Cada frasco-ampola contém:

Kanamicina, base 0,5 g

Veículo aquoso q. s. 1 cm³

KANTREX DE 1 g

Cada frasco-ampola contém:

Kanamicina, base 1 g

(sob forma de sulfato)

Veículo aquoso q. s. 1 cm³

Kantrex

KANAMICINA *
repercussão sensacional
na terapêutica

Particularmente eficaz contra: **MICROCOCCUS PYOGENES E VAR. AUREUS. NAO APRESENTA RESISTENCIA CRUZADA COM OUTRO ANTIBIÓTICO**

* Antibiótico isolado por H. Umezawa e col., estudado e industrializado pela Bristol Laboratories Inc., Syracuse, N. York.

LABORTERAPICA — BRISTOL S. A.
IND. QUÍ. E FARM.

Rua Carlos Gomes, 924 — Santo Amaro (São Paulo)

Bem Sucedidos os Gaúchos na III Inter-Med Nacional

Mais uma vez reuniram-se os estudantes de Medicina para disputarem a III Intermed Nacional. Desta feita coube a São Paulo hospedar os digladiantes e patrocinar o conclave que se desenvolveu durante a primeira semana de setembro. Das quinze faculdades inscritas apenas treze enviaram suas delegações. Do Rio Grande do Sul só a nossa Faculdade compareceu.

Após ingentes esforços conseguimos formar uma delegação de 30 atletas e partimos dia 28 de agosto em ônibus especial. Levamos dois dias para aportar na Capital Paulista e lá chegados, para desagrado geral fomos alojados no Estádio do Pacaembu que não oferece o mínimo necessário de conforto e higiene, nem de segurança para a bagagem.

Iniciadas as disputas verificou-se um fato curioso: enquanto as demais Faculdades deveriam competir em seis modalidades diferentes de esportes com apenas trinta atletas, as duas Faculdades de São Paulo tinham número ilimitado de atletas. Justificaram alegando que tinham garantido alojamento somente para trinta pessoas mas que cada delegação poderia ter trazido quantos elementos quisesse. Como é natural, diversos de nossos jogadores faziam parte de mais de uma equipe. Por exemplo o Enio Aquino, o popular Sossó, disputou futebol, futebol de salão, vôlei, e basquete. Ora, tais elementos jogando duas ou três partidas por dia, dormindo mal e alimentando-se de uma maneira mais precária ainda, só poderiam acabar com esgotamento físico. Esses fatos diminuíram sensivelmente a produção de nossa delegação, principalmente nos últimos jogos, quando a maioria não tinha fôlego. Dêsse mal



No clichê acima os atletas da equipe de volei posando para a objetiva de "O Bisturi" antes de enfrentarem a equipe de Juiz de Fora, no estádio do Pacaembu. Em pé, da esquerda para a direita: Fernando Leão, Fialho, Spilki e F. Alves. Agachados: E. Aquino, Hugomar, Goldani e Leal.

também sofreram as outras delegações de fora, mas com maior intensidade sofremos nós, pois fomos os únicos a se classificar em todos os esportes. As demais Faculdades foram eliminadas de saída, no mínimo em uma modalidade esportiva. Mas passamos aos resultados:

Futebol:

P. Alegre 5 x Nacional 1
P Alegre 4 x Sorocaba 0
P. Alegre 0 x Med. e Cirurg. D. F. 2

Futebol de Salão:

P. Alegre 3 x Uberaba 1
P. Alegre 4 x Sorocaba 1
P. Alegre 0 x Medicina S. P. 4

Basquete:

P. Alegre 46 x Fluminense 30
P. Alegre WO sobre Juiz de Fora
P. Alegre 27 x Nacional 43

Vôlei:

P. Alegre WO sobre Pará
P. Alegre WO sobre Juiz de Fora
P. Alegre 0 x Medicina S. P. 2

Tênis:

P. Alegre 2 x Ciências Médicas D.F. 0
P. Alegre 2 x Paulista 1
P. Alegre 1 x Sorocaba 2

Xadrêz:

P. Alegre 2 1/2 x Sorocaba 1/2
P. Alegre 1 x Paulista 2

(Cont. na pág. 10)

LABORATÓRIO MARQUES PEREIRA

Direção: Prof. Marques Pereira

ANÁLISES CLÍNICAS

Corpo Médico: Dr. Galba E. Moraes
Dr. Raul Krebs
Dr. J. P. Marques Pereira

Endereço: Rua Marechal Floriano
n.º 275 — 1.º andar

TELEFONE: 5807

O C.A.S.L. ADOTOU O REGIME COLEGIADO

Recentemente, foi aprovado pela Assembléia de Representantes um novo Estatuto para o C. A. S. L. Foi ele elaborado visando sanar as principais deficiências do anterior, que durante longos anos esteve em vigor, não chegando nunca a ser satisfatório.

Fruto da longa experiência da comissão que o elaborou, constituída pelos colegas Joaquim Kliemann, Gerson Dalcanale e Gyorgy Bohm, traz ele substanciais modificações ao regime, ampliando a equipe de dirigentes do C. A. S. L., e ampliando também o campo de atividade da entidade.

Entre seus méritos, conta-se a criação de uma Comissão Executiva, composta de cinco membros, um Presidente e quatro vice-presidentes. Desaparece a figura decorativa que, pelo Estatuto antigo, seria o Presidente, e surge em seu lugar um Presidente de atribuições executivas, líder de Diretoria e chefe de equipe.

O Poder Moderador praticamente desaparece, pois é associado ao Poder Executivo, deixando de recair sobre uma só pessoa para repousar em um grupo. Os associados deixarão de escolher um nome, passarão a escolher uma equipe para dirigi-los, e está fórmula permitirá participação mui mais direta dos mesmos na formação da Diretoria.

A Assembléia de Representantes, que era passível de dissolução pelo Presidente do CASL, agora só poderá cair através da vontade de todos, manifesta através de plebiscito geral.

Em vez de nove secretárias que antes existiam, agora existirão doze distribuídas pelas vice-presidências, ficando cada vice-presidente com a supervisão de três secretárias. Foram criadas duas novas Secretárias, a de Estatística e a de Polígrafos, e a Secretaria Cultural-Científica foi desdobrada em duas, com atribuições próprias. Foi criado um Departamento Feminino, do qual se ressintiu o CASL desde a dissolução do Clube Feminino que existia anos atrás. Estruturou-se também um Departamento Artístico, dependente da Secretaria Cultural.

Em resumo, abrem-se novos campos, ampliam-se as equipes, oferece-se aos associados a possibilidade de aproximar-se cada vez mais da Entidade que os congrega. O CASL é o primeiro Centro Acadêmico da URGs a adotar um regime colegiado, que já foi adotado pelas entidades de cúpula, UEE e FEURGs. Resta agora, aos futuros dirigentes, saber aproveitar as vantagens do novo sistema, a maior liberdade que terão, e a extinção de vícios profundos e insanáveis que existiam na antiga constituição.

CONCEPÇÃO

Quero a musa,
Que faça à volta no mundo,
A musa extensão.
Quero a musa,
De todos os climas,
A musa temática.
Quero a musa,
Que suba ao infinito
E desça ao inferno,
A musa profunda.
Quero a musa imortal,
De todas as épocas.
Assim escreverei sobre
O mar e o pescador;
O deserto e o camelo;
As selvas e o leão,
As estrelas e o estrônomio.
Afim quero a musa maior
Que me cantasse
O mundo interior
De todas as faces
Que vagam pela terra
Para conceber o sentido intuitivo
Das causas indizíveis
Que sinto na linguagem
Harmoniosa e simbólica
Do gênio criador.

Werneldo Horbe

TRAGÉDIA PAULISTANA

A. Cardozo

Francisco

com meu pão todos os dias de sua vida
pagava religiosamente o imposto de renda
e tomava digital às refeições

Francisco

trabalhou como um louco
toda a vida
dormia no escritório
desquitou-se de sua mulher
porque ela importunava-o
pedindo amor todos os dias...

Trabalhava aos domingos
feriados e dias santos.
Juntou uma fortuna imensa
e um dia

resolveu largar tudo e ir à Europa
Merecia um repouso e,
lhe haviam dito que as francesas:
Ou lala! Ces sont magnifiques!...

Francisco vendeu tudo:
a casa, o automóvel, o cachorro
e até o gramofone, relíquia histórica
que lhe deixara o avô.

Na hora marcada
ao entrar no avião
sentiu um mal súbito
e cinco minutos depois
morreu de trombose coronária...

Francisco, e o teu trabalho? E' nada!

Francisco, e os teus amores? São nada!

Francisco e a tua vida? Silêncio...

Bem Sucedidos os Gaúchos na III INTER-MED Nacional

(Cont. da pág. 7)

Nossa delegação estava assim constituída: futebol e futebol de salão: Genaro Laitano, Wilson Kruse, Eliseu Coelho, Renato Machado, Claudio Sebenelo, Alduino Sartori, Bernardo Sukienik, Enio Gastaldo, Ronaldo Ferreira, Fernando Freitas, Enio Aquino, Flávio Vasconcelos, Tiago Louzada, Milton Moraes, Valério Garcia e Elio Furian; basquete e vôlei: João Kilp, Antônio Madalosso, Fernando Alves, Plínio Ruas, Hugomar Vieira, David Spilki, Fernando Leão. Isaac Levin, Carlos Fialho, Joaquim Kliemann e Juremir Goldani; Tênis: Ronald Franke e João Mussnich; xadrêz: José L. Dexheimer e Gerson Dalcanale.

Como resultado final obtivemos um honroso 4.º lugar que veio fazer justiça à atuação de nossas equipes e ao esforço de nossos atletas. Mais que o resultado, conforta-nos o empenho e a dedicação que observamos em todos os atletas, que competiram com sangue e fibra. O pensamento era um só: competir e para ganhar. Não foi uma excursão de mentalidade turística. Basta dizer que alguns só saíram do Paecambu para passear na véspera do regresso. Fomos defender, e o fizemos com todo ardor, o nome da nossa Faculdade, E não saímos mal.

Notícias em Comprimidos

Esta é a última edição de "O Bisturi" na atual gestão. Quando este número estiver circulando já estarão eleitos os novos dirigentes do C. A. S. L. Esperamos que "O Bisturi" continue merecendo a mesma atenção que teve este ano. Não basta continuar. E' preciso melhorar.

Na III Intermed Nacional realizada em São Paulo, os paulistas deram um exemplo de como não deva ser uma Intermed. Foi o máximo em desorganização.

A próxima Semana de Debates Científicos será realizada em Belém do Pará.

A prova oral dos candidatos à Catedra de Clínica Cirúrgica foi das mais movimentadas que já vimos. Impressionante a pontualidade do Dr. Mickelberg, que finalizou a aula exatamente nos 50 minutos.

A lista triplíce enviada ao Presidente da República no mês passado, donde sairá o Diretor da Faculdade, era encabeçada pelo Dr. José C. Milano seguido do Dr. Jacy C. Monteiro e Celestino Prunes.

Venceu o concurso da 2.ª Clínica Cirúrgica o Dr. José Hilário, do Rio, com a média 9,485. Consignamos aqui nossas congratulações.

Quatro concursos de docência no mês de setembro: Dr. Almor Teixeira, Dr. Paulo Contu, Dr. Elói Garcia e Dr. Oscar Pernigoti.

Como a maioria ignora, divulgamos aqui a relação dos prêmios que a Faculdade distribui anualmente entre os alunos, se houver concorrentes:

Prêmio Osvaldo Cruz, ao aluno que produzir trabalho de real valor sobre Higiene, Parasitologia ou Microbiologia.

Prêmio Carlos Wallau, ao aluno que apresentar trabalho de real valor sobre Clínica Cirúrgica.

Prêmio Deoclécio Pereira, ao aluno que apresentar trabalho de real valor sobre Farmacologia ou Terapêutica.

Prêmio Miguel Couto, ao aluno que melhor tese inaugural apresentar sobre Clínica Médica.

Prêmio Carlos Chagas, ao aluno aprovado com distinção nas cadeiras de Parasitologia, Microbiologia, Clínica Dermatológica e Clínica de Moléstias Tropicais.

Prêmio Victor de Brito, à melhor tese que revelar valiosa contribuição aos estudos de Clínica Oftalmológica.

Prêmio Parreiras Horta, à monografia ou tese, apresentada por aluno da Faculdade, sobre Micrologia.

A Direção do CASL agradece a prestimosa colaboração e desinteressada boa vontade que encontrou, durante sua gestão, no Gabinete do Diretor, na Secção de Ensino, na Secretaria, na Secção de Comunicações, no Almoarifado e na Portaria da Faculdade.

O Dr. Milano conseguiu da Fundação Rockefeller uma doação em livros para a Biblioteca da Faculdade, num valor aproximado de 40.000 dólares.

Já estão aprovado os novos estatutos do Centro em que entre outras inovações teremos uma comissão Executiva composta de um Presidente e quatro Vice-Presidentes, ficando afeto a cada Vice-Presidente várias Secretarias. Foram criadas mais 4 Secretarias: Esportes, Polígrafos, Estatística e Cultural. Foi criado, também, um Departamento Feminino.

Já está elaborado o quadro de funcionários do Hospital de Clínicas, o qual será enviado brevemente ao Conselho Nacional, para a sua aprovação. Está prevista uma despesa anual de Cr\$ 174.000.000,00 para o pagamento dos 1.322 funcionários. Não está incluído o corpo docente.

Para melhor se avaliar o esforço e a dificuldade que se encontrou para organizar a nova Biblioteca, informamos que os vencimentos da bibliotecária e das duas auxiliares contratadas estão sendo pagos pelos senhores professores, que mensalmente descontam determinada percentagem de seus salários. Nossos sinceros parabéns.

Ao estilo do Aceca, anunciamos aqui o óbito desta secção e de seu autor. Agradecemos a atenção daqueles que ingeriram tantos comprimidos este ano. Talvez para 1960 um outro comece a receber umas "Informações em Drágeas" ou umas "Pílulas Informativas". Esperamos que a posologia continue a mesma, isto é, 7 vezes por ano, ou aumente. Não há perigo de intoxicação.

ACONTECIMENTO NO PENTAGRAMA

— GENARO LAITANO —

Ninguém esperava aquilo nos fios, em hora de movimento na rua. Súbita aparição rósea, a peça íntima, de senhora, suspendeu a pacatez das vidas de sempre. Balouçava a repentina nudez no pentagrama elétrico, entumescida de vento. E na luz da tarde a urgência do bairro ficou interrompida. Da janela ele deu com os basbaques — cara para o céu, relaxadamente safado —, ritual de fetiche público, a pretexto do incidente banal e frívolo.

Só então compreendeu a dificuldade em ligar para Navegantes: Havia qualquer emaranhamento na linha, na quadra próxima funcionários da telefônica trabalhavam, trepados em escadas. Já que o homem de branco, esbaforido, procurava um meio de retirar a peça, por que não solicitava a escada? Nenhum se aventuraria pela árvore — perguntou o de branco.

— O senhor acha direito? — levantou a voz o magro, julgando inoportuna a providência.

— Vocês parecem gente antiga — disse o postalista — Subo eu, não há complicação.

— Sobe você, por quê? — interferiu o motorista do caminhão de cerveja. — Enquanto eu estiver aqui, ninguém sobe. Já vi um sujeito morrer eletrocutado.

O bilheteiro acercou-se, oferecendo segunda vida.

— Che succede? — Observou, e aplicou uma palmada na testa. — Davvero... Non Credo...

— Tem cerveja aí? — disse o postalista insistindo com o cervejeiro. — Mande descer duas, três, que assumo todas as responsabilidades.

— Você precisa beber, já passou da época — referiu o magro, sentado na mesa fora do bar.

O guri ia subindo na árvore, querendo alcançar aquilo nos fios:

— Desça daí, guri. Isso é coisa pra homem!

A mãe deteve o filho, reclamava, limpando-lhe o nariz:

— O senhor é pai dele pra berrar assim? Meu filho é bem educado, ia só ameaçando trepar, ele não se perde assim, não...

— Drammatica situazione! Il momento è propizio per ottenere sovvenzioni del marito...

Constrangido, o homem de branco dissimulava, à espera da solução. Ouviu o italiano, jogou o cigarro no chão, veio entender melhor:

— Fala português, que é que você disse, gringo?

Montado na bicicleta, o postalista explicou como pôde:

— Nosso amigo acha que o melhor é be-

ber as cervejas. Empilhamos as caixas vazias, e alcançamos os fios.

— Os senhores necessitam de uma escada, não é isso? — asseverou o funcionário da telefônica.

— Isso não compete à Companhia Telefônica Nacional.

— Por acaso é um segredo? — retrucou o funcionário.

— E' assunto de exclusividade da vizinhança — disse o magro. — O carteiro mora na primeira transversal, eu naquela casa azul, o mudo na casa da esquina. Somos íntimos mas, você?...

O homem da janela estivera ouvindo, temendo alguma complicação. Foi buscar uma vara. Desembaraçou fácil aquilo dos fios. No meio da escada, mantida embaixo pelos outros, o postalista rebelou-se:

— Não pode, já estou aqui?

— Quero telefonar e vocês não se resolvem, disse o homem da janela.

— Por obséquio — solicitou a peça o marido de branco.

Em Navegantes, para a mulher que longamente esperara o telefonema, ele comentou:

— Talvez a mulher renegasse a posse — o rosto róseo como aquilo, lágrima de pudor rendando as pestanas...

CHIMARRÃO	NOITE	FILOSOFIA RURAL
Chimarrão de mate amargo que tem no gosto do trago a essência das tradições... Água verde das coxilhas, das liturgias caudilhas na catedral dos galpões... Chimarrão — culto selvagem, seita da chucra linhagem da velha origem dos pais... Chimarrão da velha gente, que tonifica o presente c'o a benção dos ancestrais... Fernando Saraiva	Gilberto Pereira Gomes Que maldade!... A noite mergulhou Dois dedos De negro "bitter" No copo de "gim" transparente Da tarde!... E eu passei O resto do tempo Bebendo Com os olhos Tragos de saudade!...	(com vistas à demagogia eleitoral) Neste instante eleitoreiro, creio no foi, no que é; creio no ontem, no hoje: extremos de minha fé... Não creio mais em promessas, não creio mais na esperança; creio é nisto que se alcança depois no foi, no que é... F. Saraiva

VERSOS NOTURNOS

A. Cardozo

Noite
pérola negra de brilho intermitente
amiga terna e carinhosa
véu silente e uniforme
que pausa na frente de minha cidade.

Minha cidade de olhos amarelos
de torres uniformes e simétricas
e brilhos fugazes e vadios.
Ah, o pitoresco dos edifícios à noite
geométricos
espaçados
quadriculados
sólidos habitantes de concreto.

Ah, luminosos cadernos de matemática
em cujos quadriculos
correm os cálculos da vida
da vida agitada
incômoda
íntima e prosaica
dêstes aeronautas do progresso
que são os inquilinos de apartamento...

Ruidos de tôdas as espécies
arranham os ouvidos do silêncio,
vultos, nuvens, automóveis,
tudo passa com pressa de chegar;
chegar onde?
a parte alguma!
Pois não é a vida tôda
um correr sem fim para o nada?

A única coisa palpável
é minha tristeza
e o som da cidade em febre
que chega até mim.

Meus ouvidos sentem
o vibrar das moléculas de ar
e uníssono com o murmúrio vital
que me domina
meu coração, aos poucos,
começa a vibrar também...

AUTISMO

José Carlos Carpilovsky

Tomo banho de água fria
No mais estranho do mundo:
Furo, arranho, risco, rasgo,
Me eternizo num segundo!

Vivo cenas de mistério,
Componho doze poesias,
Rejo orquestras invisíveis,
Recito pornografias,

Encontro afetos obscenos,
Amputo dedos impuros,
Toco segredos profundos,
Urino em lagos escuros,

Fecho buracos imensos,
Penetro na rocha nua,
Disseco gordas barrigas,
Faço amor à luz da lua,

E sou rei, e exulto, e vibro,
No reino de meu agrado:
Nenhum sonho inconcebível,
Nenhum anjo mutilado!

Mas às vezes caio, choro,
Pois é mundo de brinquedo:
Quando empurro, risco, rasgo,
Me desfaço, sinto medo...

Página 13

Um Estudo Desconexo

Fernando de Sá e Almeida

Do Ritmo em Três Tempos

errebê

A crônica se fazia impossível. Imaginada, escrita até, segredava-me, de súbito, que não tinha final.

Dai a idéia de fragmentá-la. Dar-lhe um ritmo. Um ritmo em três tempos.

—X—

Magüei-a.

Em meio à agitação do início, infantilmente suspenso pela ocular, o microscópio veio-se espaço abaixo e atingiu em cheio sua frágil mãozinha.

Inexpressivo, à guisa de desculpas, quase perdão, murmurei-lhe um "machucou?" entrecortado.

E, tão pronto, marcada por um morder suave de lábios

— Não foi nada, não. Nem doeu...

Mas uma mancha arroxeadada, de roxo estranho e bonito, maculou-lhe, de logo, a alvura da mão.

O estudo findou.

Depois, já noite, a imaginação solta, o drama aflorou.

A mancha, de roxo estranho e bonito, ganhava-lhe o dedo. Um outro também. Agora a mão. E o ombro. E o colo.

Tomava-a...

Coincidência infeliz, por seis dias não a poudo encontrar.

Hoje, enfim, sosseguei.

Tirando o avental, vejo-a lavando as mãos.

Lívidas, por sinal.

Lívidas e sem mácula...

—X—

— Funcionário-estudante é o de que pior há. Sai para as aulas, inventa estudos e acaba

a gente fazendo as tarefas que lhe cabem.

As palavras hostis escondiam, porém, a afeição que nascia.

Afeição diferente.

Sem barreiras do tempo. Sem entraves do mal.

E daí a querer-nos foi um girar de ponteiros.

E ficamos amigos. Amigos demais.

Mas, há pouco, voltando de uma licença, dissera-me ela, talvez à força de troça, que já não nos queríamos bem.

Pensei desmenti-la. Provar-lhe o contrário. Tentei convencê-la das pazes fazer.

Busquei demovê-la do rosto amarrado. Dos lábios cerrados. Das pazes rompidas.

Busquei e falhei.

Ontem, por fim, a oportunidade chegou.

— Tanto que eu quero um dêsses pneuzinho-cinzeiros. Lá prá cozinha. Os outros, mal os deixo, quebram-se.

Lacônico, prometi-lhe o meu.

Hoje, o guichet ainda fechado, trocamos cinzeiros.

E embrulhos mal feitos.

E desculpas também.

Por embrulhos mal feitos. Pelas pazes rompidas...

—X—

Terceiro e último tempo.

Algém chega-se junto à máquina. Passa os olhos pelo escrito e, chamando o secretário à parte, explica-lhe que há tolice demais.

E' que continuo doente. Policitemia...

Os ciclos dentro dos quais se processam os estabelecimentos científicos são os, da experimentação e os da intuição desenvolvida. As etapas dentro das quais se dilatam os horizontes artísticos são os do arrôjo que cria e as da genialidade que sustenta. Nada de mesquinho pode se reencontrar dentro das forças criadoras da natureza e do espírito. A concepção de critérios válidos ou de expressões perfeitas não pode jamais subordinar-se às regras do tempo ou às angústias do espaço. Projetando obras ou arquitetando idéias, executa o homem um duplo sentido de orientação e de pesquisa. Mergulha ele primeiramente no âmago de si próprio e no profundo de suas estratificações cronológicas. Lança-se ele depois no infinito das coisas desconhecidas e no imensurável dos propósitos originais. De um lado, recolhe o conhecimento dos séculos e das civilizações. De outra parte, assimila o paradoxal das pretensões e dos idealismos. Com este fundamento, sempre novo e sempre antigo, sempre ordenado e sempre desconexo, plasma enfim todas as suas vivências e concebe todas as suas teorias. Resulta desta forma, em derradeira instância, um equilíbrio instável que contorna as ordenações comuns e que codifica os exageros maiores. Dele se determinará o valor da obra. Nêle se compreenderá a expressão do criador. Aquém da sua existência, nada é simples e nem perfeito. Além da sua limitação, nada é puro e nem verdadeiro.

Reflexões em Contraponto

I

Crônica de um dia chelo de sol. Crônica de uma noite chela de vento. O tempo, superado atrás das saudades. O espaço, esquecido além dos horizontes. Solitários permanecemos dentro de nós mesmos. Estáticos se nos pomos em face do próprio Deus. O mistério imenso da vida e da morte nos rodela e nos consola. A incógnita eterna do ser e do existir nos aprisiona e nos apavora. O medo nos inibe e o desespero nos atalha. A ilusão nos entristece e a fantasia nos evola.

II

Minha derradeira página. Meu último sonho. Estou cansado de existir. Estou exausto de viver. O ideal wertheriano abate-se sobre os meus passos. A sombra trágica antepõe-se aos meus olhos. As horas consomem-se na ilusão do não ser. Os espaços percorrem-se na esperança do jamais findar. Tudo silenciou. Tudo morreu. Até meu pensamento. Até minha tristeza...

Agradecimento

Junay Antônio Maragno

Fui vitimado num acidente de trânsito, do qual saí-me superstitioso graças aos socorros que me foram prestados, à contar dos primeiros instantes. O evento ocorreu em data de 2 de junho do ano em curso, às treze horas e meia. Nos segundos imediatos ao acidente, fui erguido do solo por dois cidadãos desconhecidos que me transportaram até um automóvel proximo estacionado; o proprietário, porém, recusou a incumbência que se lhe propunha: conduzir-me ao Hospital de Pronto Socorro. A poucos passos além, um outro havia, muitas vezes mais singelo; ao proprietário do qual foi solicitada condução, este prontamente acedeu.

Uma vez chegado ao referido Hospital, fui de imediato atendido pelos médicos de plantão e seus auxiliares que, pressurosos, envidaram todos os esforços com o fito máximo de me libertarem do estado de choque que então me envolvera, o qual se prolongou por cerca de treze horas. Inúmeros foram os facultativos que me assistiram naquele transe. Não só do próprio Hospital mas vários outros, estranhos ao corpo médico do mesmo, acorreram em meu auxílio a instâncias de meus colegas da Faculdade; pois, reconhecido que fui por um deles, às primeiras horas, incumbiu-se este de por a "turma" toda em "polvorosa".

Todos os médicos, dentre os quais os que mais longamente mantiveram contato com meu tratamento, tais como o que atuou na parte cirúrgica, o infatigável Médico-Chefe da Seção de Cirurgia do H.P.S.; os da Seção de Traumatologia, bem como aqueles que se ativeram ao setor clínico e psiquiátrico, seus auxiliares, a enfermagem, o Revm.º Capelão, as incansáveis irmãs de caridade e demais funcionários do Nosocômio Municipal denotaram grande interesse em meu ulterior restabelecimento. Todos reservaram-me excelente acolhida, durante minha longa permanência ali.

Tanto meus nobres colegas da Faculdade, o egrégio Diretor da mesma, os eméritos professores e os membros do Centro Acadêmico

Sarmento Leite, como meus distintos companheiros de trabalho, demonstraram supremo espírito de solidariedade, de abnegação e altruísmo, cercando-me de amparo, auxiliando-me em várias emergências, como na doação de sangue, inclusive com valiosa contribuição pecuniária. Buscaram todos remover sempre quaisquer dificuldades porventura surgidas.

Devo ressaltar ainda o muito que por mim fizeram, durante meu internamento, meus parentes; os que acolheram meus filhos, os que me acompanharam por dias inteiros, todos os demais além de várias outras pessoas amigas que, de muitíssimas maneiras, me prestaram auxílio.

O lido Sr. Diretor do Hospital de Pronto Socorro houve por bem rodear-me de todo conforto possível. Além do que solicitou oficialmente ao Sr. Prefeito Municipal isenção do pagamento das despesas comigo havidas, bem como a doação duma perna mecânica.

Com este mesmo desiderato, secundaram-me meus colegas da Faculdade, representados pelos membros do C.A.S.L, pelos de serviço da Delegacia Regional do Trabalho).

O digníssimo Sr. Prefeito desta Capital, num gesto de acendrado espírito filantrópico, prontamente deu assentimento àquelas instâncias, desobrigando-me de quaisquer despesas e doando-me a perna mecânica.

A todos, todos indistintamente, por tudo o quanto fizeram em meu favor, conforme tentei elucidar acima, externo o meu mais profundo reconhecimento, minha eterna gratidão, com votos de perenes venturas.

Eximi-me de citar nomes, tendo em vista que o número de meus benfeitores foi assaz elevado, poderia incorrer na insólita injustiça de deixar algum no olvido. Além disso ignoro o nome de muitos deles e a outros nem sequer os conheço.

Pôrto Alegre, setembro de 1959.

SEÇÃO DO VENENO



E a Rebeca avistando aquela fila de placas vermelhas pensou: "Até que enfim achei uma praça de taxi". Chegou e entrou num. Foi então que o chofer perguntou: "O senhor também vai ao enterro, moço?"

E o Milzinho deu mais de 15 peitões, só numa noite. Todos fora.

O Pai da Ignorância, na excursão, foi o Sapo.

O tenista da segunda série confirmou em São Paulo seu título de "Rei da Aproximação".

O que mais atrapalhou a viagem de ônibus foi o peristaltismo da Rebeca, na ida, e do Bicudo, na volta.

Dos 4 Louzada, apenas 1 foi a São Paulo. Ainda bem. O que foi deixou nome por lá. Pela sua atuação no futebol foi agraciado, entre outros, com os seguintes epítetos: O Selvagem, O Troglodita, O Viking, A Fera, etc.

Como estávamos ganhando uma partida de futebol, mandaram o Starosta jogar. Dois minutos depois, mercê de sua brilhante atuação, era retirado de campo; inconformado, espalhou que não queriam dar oportunidade para gente nova figurar no time.

Determinado indivíduo da 1.ª série, que se diz líder da turma, declarou que

o primeiro ano votaria em massa na chapa que contivesse um certo elemento da aula, não importando o resto da chapa. Esse leilãozinho político foi concluído. Infelizmente, esta é a mentalidade. E isto é um líder.

A terceira fórceps, que se apagou antes de acender-se, reuniu as "inteligências" mais "luminosas" da Faculdade.

E vocês sabiam que agora toda a matéria publicada em "O Bisturi" é paga? Esta é, pelo menos, a onda que certo vivo espalhou e que certos ingênuos engoliram.

O problema mais importante daquela "chapa" era o de escolher entre "ele" ou "ela".

Terminada a explicação sobre o rim artificial, no H. de Clínicas, de São Paulo, o "Sapo", inteligentemente, perguntou: "Por que não pintam a óleo esse negócio?"

Causou espanto e admiração o "trote" extemporâneo que levou a turma do 1.º ano em pleno mês de outubro.

A cobrinha em primeira mão na imprensa brasileira informa: Via Marmicoc Press — Urgente — Confirmada a panela no poder.

"Mas minha senhora, nós somos da III Inter-Med Nacional..."

O nosso jornal que é editado sem maiores pretensões tem sofrido muitas restrições por parte de certas estudantes do Curso de Jornalismo da URS.

Dentre os meninos que se destacaram durante a excursão à São Paulo, tem aquele Secretário Social que, de tanto agradecer um certo tipo humano, foi, justamente, cognominado de Ali Babá e os 40 Garções.

CRIADO O DEP. ARTÍSTICO DO C. A. S. L.

Saeger

A idéia não é nova, nós o sabemos, mas a sua total concretização parece constituir-se novidade no meio universitário do Rio Grande do Sul. Já há muito tempo os sucessivos dirigentes da entidade representativa dos estudantes de medicina vinham tentando transformar esta "utópica fantasia" em uma coisa realmente palpável e concreta.

A criação de um núcleo artístico-musical já é uma realidade em nossa Faculdade, realidade esta que tornou-se possível graças a um esforço de conjunto entre a direção do CASL da gestão 58-59 e os elementos interessados em organizar um conjunto musical e apensar dos constantes ataques e críticas destrutivas que sofreram desde que cogitaram em tal idéia. De conversa em conversa e de procura em procura aos poucos foram se agrupando em torno de um mesmo interesse, um grupo de jovens colegas imbuídos do desejo de aproximar os alunos da Faculdade de Medicina uns dos outros e estreitá-los por um laço de amizade mais sólida.

Gilberto — guitarra elétrica; Ronald — gaita; Bernardo — violino; Achilles — bateria e Flávio — contrabaixo constituem o primeiro conjunto aberto da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, o qual conta com Paulo como "crooner". Além deste conjunto melódico, há também um conjunto de música erudita a cargo de Ronaldo Brum ao piano e Salvador Isaias Jr., Antônio Carlos Koff, Simão Steiner, Carlos Funke e Armênio Farias com violinos.

Um grupo de peruanos organizou um

terceiro conjunto que executa músicas típicas com arranjo vocal, solos e acompanhamento de violões.

Se alguém ficou intrigado com a denominação de "grupo aberto", esclarecerei a seguir este ponto. Denominamos grupo aberto àquele conjunto que acolhe todo e qualquer elemento que sabe tocar algum instrumento musical e quer tornar-se em um membro efetivo da equipe ou apenas um executante esporádico. Há também idênticas possibilidades de serem formados outros grupos completamente independentes dos grupos atualmente existentes. Assim por exemplo, se durante uma das reuniões do grupo um dos assistentes que souber tocar algum dos instrumentos tiver vontade de tocá-lo junto com o grupo, é só chegar e pedir emprestado o instrumento desejado e sair tocando, que seja a guitarra, a gaita ou o contrabaixo. Ou, se três ou mais elementos que tocam tem idéias diferentes das nossas, podem pô-las em prática organizando mais um grupo aparte ou entrosando-se conosco. Em resumo, qualquer um pode pertencer a qualquer um dos grupos ou formar novos desde que tenha vontade de tocar e desde que toque obedecendo as regras elementares de ritmo e harmonização.

Com este procedimento, e principalmente quando todos puderem ver e ouvir o que já foi feito, nós visamos dar oportunidade a que todos os "artistas anônimos" apareçam e nos ajudem a congregar e aproximar mais e mais todos os nossos colegas.

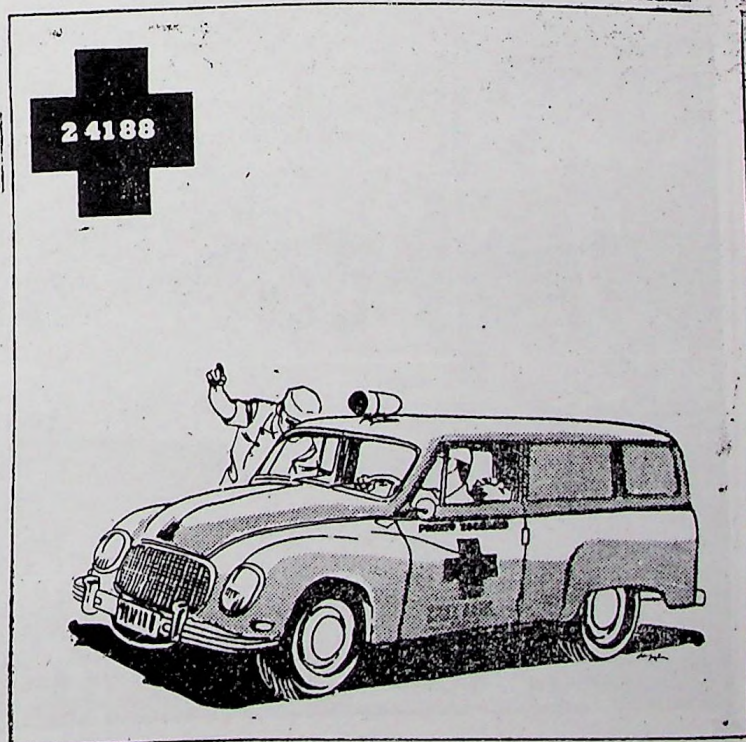
Gostamos de críticas e até mesmo imploramos por elas. Mas imploramos por críticas que visem melhorar as condições técnicas e de apresentação do grupo e não comentários desabonadores aos reais propósitos de nossa iniciativa. Antes de dizer que a Faculdade de Medicina não é Boate, o nosso prezado crítico destrutivo poderá comparecer a uma de nossas reuniões e conviver conosco alguns momentos de verdadeira camaradagem e até mesmo demonstrar seus penhores artísticos. O nosso prezado crítico destrutivo, antes de andar dizendo que o CASL é casa de negócio de compra e venda de planos, numa demonstração da mais crassa ignorância, deve inteirar-se das bases reais em que forem feitas as transações, deve ter em mente o valioso patrimônio que o CASL adquiriu e do qual poderá fazer qualquer outro uso posterior com vantagens para os associados e deve lembrar-se que uma atividade musical e cultural só pode trazer benefício a todos os acadêmicos de Medicina. Antes de dizer coisas assim, medite um pouco sobre o sentido que queremos dar a este movimento e não solape as nossas boas intenções com recriminações maldosas.

Todos nós que estamos lutando por organizar este grupo musical queremos contar com o apoio e a compreensão de todos os nossos amigos para que nos auxiliem a levar avante este empreendimento a favor de um "Maior coleguismo".

Pronto Socorro CRUZ AZUL

MEDICINA E CIRURGIA DE ADULTOS
URGÊNCIA INFANTIL
OXIGENOTERAPIA

Praça Júlio de Castilhos, 20



BEM SUCEDIDOS OS GAÚCHOS NA III INTER-MED

Treze Faculdades de Medicina participarão deste magno conclave nacional — Do Rio Grande do Sul somente nossa Faculdade compareceu — Trinta alunos constituíram a delegação gaúcha — O alojamento do Estádio do Pacaembu deixou muito a desejar — As Faculdades de São Paulo competiram com número ilimitado de atletas — O esgotamento físico derrotou os gaúchos — O Rio Grande do Sul classificou-se em todas as modalidades esportivas — Quarto lugar na classificação final — Reportagem de Gerson Dalcanale, na página sete.

"O BISTURI" ENTREVISTA OS DOUTORANDOS DE 59

Entrevistando os doutorandos de 59, "O Bisturi" encerrou a série de enquetes com alunos da Escola — Dezenove perguntas foram formuladas — Anatomia Humana foi apontada como a melhor cadeira da Faculdade na parte teórica e prática — Física Médica foi novamente a pior — Prof. Antonio Louzada foi apontado como o melhor professor — Vinte e quatro doutorandos acharam péssimas as condições de aprendizado — Sugestões: Maior orientação prática; mais interesse dos professores; conclusão dos Hospitais de Clínica, etc. — Dezoito doutorandos acharam que o CASL corresponde mais ou menos as suas finalidades — Onze entrevistados acharam satisfatórias as atividades sociais — Reportagem, na página cinco.

INAUGURADA DIA 3 A NOVA SEDE

C.A.S.L. EM TRAJE DE GALA



Eis a equipe de futebol do CASL que participou da III INTER-MED NACIONAL.

O Bisturi

ORGAO
OFICIAL
DO C.A.S.L.

FACULDADE DE MEDICINA — PORTO ALEGRE



Um magnífico cock-tail assinalou a inauguração das novas dependências do Centro Acadêmico Sarmento Leite. Ao apagar das luzes da Gestão Joaquim Kllemann- Gerson Dalcanale, os estudantes de Medicina receberam este belo presente. Temos acima alguns flagrantes daquela festa. Na mesma oportunidade foi entregue ao Dr. Elyseu Paglioli e ao Dr. José C. F. Milano, o título de Sócio Honorário do CASL pelos relevantes serviços que estes ilustres Professores vêm prestando ao Centro, à Faculdade de Medicina, à Universidade do Rio Grande do Sul e à Medicina, respectivamente como Reitor da Universidade e como Diretor da Faculdade.